

O TEXTO EM FOCO: A FILOLOGIA E AS EDIÇÕES

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz*
Maria da Conceição Reis Teixeira**

*Levo o passo, hora morta, através da sombria,
Soledade feral desta antiga abadia.
Funéreos lampiões nos corredores ermos
Lançam frios clarões palescentes e enfermos.
[...]* (SALLES, *Sub umbra*, 1925)

Resumo: *A Filologia, enquanto ciência do texto, tem como foco principal de trabalho os textos escritos. Desta forma, toda análise destes estará sob o seu domínio. Sendo a ciência filológica muito antiga, datada do século III a. C., foi iniciada pelos filólogos gregos de Alexandria com o intuito de salvar do esquecimento textos da poesia grega. Esta ação, na verdade, visava impedir o avanço da destruição material e das alterações perpetradas pelos copistas nos textos de Homero. O trabalho desses filólogos consistia na preparação das edições críticas da obra homericana. A ciência filológica evoluiu e hoje tem como objeto de interesse não apenas os textos literários, mas todos aqueles que representem a memória cultural de uma dada comunidade. Objetiva-se, aqui, apresentar os diversos tipos de edição que o filólogo pode desenvolver de acordo com o texto com o qual esteja trabalhando.*

Palavras-chave: Filologia; Texto; Edição.

1 INTRODUÇÃO

A Filologia tem suas origens mais remotas na Grécia do período alexandrino (322-146 a. C.). Segundo Antonio Tovar (1944, p. 15), nasceu “como um segundo grau de um ensino primário cujas ‘primeiras letras’ estavam baseadas em uma poesia nacional, principalmente em Homero.”

Quando do surgimento dos termos “Filologia” e “filólogo” no mundo ocidental, estes significavam, em seu sentido helênico e latino, “amor pelo saber e pela literatura”. No séc. XVIII, a definição de Filologia passa a ter um caráter universal e, segundo o Dicionário de Autoridades (*apud* CANO, 2000, p. 13) “Ciência composta e adornada da Gramática, Retórica, História, Poesia, Antiguidades, Interpretação de Autores, e geralmente da Crítica, com especulação geral de todas as demais Ciências.”

As mais antigas edições críticas são aquelas realizadas pelos críticos alexandrinos: *Zenódoto*, *Aristófanes de Bizâncio* e *Aristarco* sobre os poemas homéricos. O trabalho desses estudiosos consistia na restauração, na inteligência e na explicação dos textos. Eles catalogavam as obras; faziam a revisão; emendavam os trechos que necessitavam desse tipo de intervenção; faziam comentários; proviam-nas de sumários e de apostilas ou anotações, de índices e glossários, de tábuas explicativas; além de complementá-las com excursões biográficas, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética.

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora de Filologia Românica da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Pesquisadora do Grupo de Edição de Textos (CNPq). E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br - Autor.

** Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora de Filologia Românica da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pesquisadora do Grupo de Edição de Textos (CNPq). E-mail: conceicaoreis@terra.com.br – Co-autor.

A Filologia, em sua modalidade mais nobre e mais autêntica, segundo Auerbach (1971), ou seja, aquela parte que cuida da edição de textos, é intitulada Crítica Textual. Neste sentido, foi iniciada modernamente no século XIX com a publicação das edições críticas feitas por Karl Lachmann (1793-1851) do *Novo Testamento* em grego (1842-1850) e do poema *De rerum natura*, de Lucrécio (1850). Lachmann dá à Crítica Textual caráter científico, adotando um método, que leva o seu nome, baseado numa síntese dos processos utilizados pelos editores alexandrinos. É também o responsável pela terminologia latina, pois escreveu suas introduções críticas em latim.

No século XIX tem-se a seguinte aceção para filologia: “ciência que estuda a linguagem, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos.” (LÁZARO CARRETER, 1990, p. 187)

Os textos, até o século XV, foram copiados manualmente, sendo esta a forma que os homens encontraram para reter na memória coletiva e transmitir para a posteridade todo o seu patrimônio cultural. Até então, todo texto muito lido e muito divulgado foi, necessariamente, muitas vezes copiado. Foi deste modo que os textos literários clássicos e medievais chegaram até o presente.

No final do século XV Gutemberg criou a imprensa, sendo esta o divisor de águas para a cultura ocidental, adquirindo o mesmo *status* que a informática e o uso do computador têm atualmente. Não se concebe, hoje, que uma mensagem, ou uma notícia, ou uma obra literária não sejam transmitidas de forma rápida e instantânea. No entanto, a transmissão de toda a cultura ocidental greco-latina foi confiada aos textos manuscritos.

As modalidades de transmissão das obras literárias mudaram após a invenção da imprensa, contudo os problemas referentes às alterações não acabaram. Mesmo na época de Gutemberg os riscos da tradição manuscrita perduravam, pois os textos publicados não seguiam efetivamente a última vontade do autor.

Neste sentido, a tarefa da Crítica Textual é a reconstrução do original perdido, ou um texto fidedigno, baseado na tradição manuscrita e impressa, direta e indireta da obra. A edição do texto deve ser elaborada a partir de critérios científicos rigorosos.

Ter consciência de que os autores modificam suas obras de uma edição para outra é especialmente importante, pois a diversidade formal dos textos tem origem não apenas em lapsos de cópia mas também na mudança de vontade do autor (que dá origem às chamadas *variantes de autor*): a dificuldade, entretanto, está justamente em se estabelecer com certeza quando se trata de um caso e quando de outro, especialmente em relação a textos muito antigos. (CAMBRAIA, 2005, p. 7)

2 A FILOLOGIA E AS EDIÇÕES

No universo textual, o filólogo pode se deparar com uma variedade de textos, sejam estes literários ou não literários, quer antigos, medievais, modernos ou contemporâneos. Na categoria dos literários há aqueles em prosa e aqueles em versos. Na categoria dos não literários existe uma gama de documentos: históricos, religiosos, pessoais, dentre outros.

A partir da escolha do tipo de texto que o filólogo deseja editar, ele opta também pelo tipo de edição que melhor se adequa ao trabalho que irá realizar.

2.1 Os Tipos de Edição

1. Edição crítica: quando se deseja reproduzir o autógrafo ou a versão existente mais próxima do original, seguindo-se as operações básicas de *recensio*, *collatio*, estemática,

definição do texto de base e dos critérios de transcrição e correção, neste último caso trata-se da *emendatio*, registrando-se todas as interferências feitas pelo editor no aparato crítico.

2. Edição diplomática ou paleográfica: reprodução fiel e rigorosa, na qual todas as características do texto são conservadas – erros, lacunas, ortografia, abreviaturas, etc.. **3. Edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa:** neste tipo de edição o filólogo pode corrigir erros por conjectura, desdobrar as abreviaturas, elaborar notas explicativas, atualizar a ortografia, etc.

4. Edição crítico-genética: o texto crítico é acompanhado de um aparato genético no qual, utilizando-se de uma bateria de sinais especiais, registra-se toda a dinâmica do processo criativo evidenciado a partir das marcas de correções de vários tipos deixadas pelo autor nos seus manuscritos.

5. Edição genética: expõem-se todas as peças do percurso integral de criação de uma obra, ou uma fase particular dessa obra, não há escolha do bom testemunho, porque cada testemunho constitui uma individualidade de espaço-tempo, que institui uma nova posição do autor e um outro agrupamento de sentidos.

3 A EDIÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

Serão aqui editados um texto em versos, um soneto do poeta baiano Arthur de Salles, que viveu no período entre os anos de 1879 a 1952, e um trecho de um texto em prosa do escritor caetiteense João Gumes (1858 – 1930).

3.1 A Edição de um Texto Moderno em Versos

3.1.1 A Edição do Soneto *O Último...*, de Arthur de Salles

O soneto *O Último...* possui apenas um testemunho. Trata-se de um datiloscrito inédito, sem datação, pertencente ao Acervo do Setor de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia.

3.1.1.1 Descrição do testemunho

SALLES, Arthur de. *O Último...* Datiloscrito. ASFR,002:0025, [s.d.]¹

Datiloscrito em fita vermelha. Papel de linho, amarelado pelo tempo, trazendo a marca d'água: "*Congresso Bond*"; medindo 326mm X 221mm. Mancha escrita com 225mm X 100mm. Ângulos superior e inferior esquerdos cortados. Ângulo superior direito queimado, lançado, a lápis, 26. 20 linhas: L. 1, -oOo- O ÚLTIMO... -oOo-; L. 2-15, versos; L. 16, -oOo--oOo--oOo-; L.17-20, *Ester Sales* [traço horizontal] / *Maria* [?] / *Patria* / *Rezo lhes* [?], lançadas a lápis.

¹ Cota no Acervo do Setor de Filologia Românica da UFBA: PO-IS-OD-002:0025-XE:01.

3.1.1.2 Texto crítico

O ÚLTIMO...

	Sonetões, sonetinhos ou sonetos Não cansei o leitor com versalhada De légua e meia ou de légua de estrada Batida de avejões rubros e pretos
5	14 linhas só, na forma usada; Deduzidas as duas dos tercetos, Lidas em 4 fôlegos directos Um sorvo, um trago, um ai! uma pitada...
10	Cada qual, sendo mau, dura mui pouco. Se é bom, lembra um sorvete que se peça Mignon, de creme, de baunilha ou coco. Dobra-se a dose; mal não faz nem dura! Sem ser pesado, ao estômago e à cabeça, Não dá lugar a sono na leitura...

-
- L.1 0025 *O ÚLTIMO...*
V.2 0025 *cansei*
V.3 0025 *legoa*
V.5 0025 *fôrma*
V.7 0025 *fôlegos*
V.11 0025 Mignon, de *crème*, de baunilha ou *côco*
V.12 0025 *dóse*
V.13 0025 ao *estomago* e *á* cabeça
V.14 0025 *somno*

3.2 A Edição de um Texto Moderno em Prosa

3.2.1 A Edição de um trecho do romance *O sampauleiro*, de João Gumes

O sampauleiro, romance em dois volumes, concluído em 8 de dezembro de 1929, apresenta três testemunhos: um manuscrito autógrafo contendo apenas os últimos capítulos do segundo volume; e dois éditos: uma publicação em folhetim em *A Penna* e outra em livro, sendo uma cópia xerox do primeiro volume e um exemplar do segundo.

3.2.1.1 Descrição dos testemunhos

GUMES, João Antonio dos Santos. *O sampauleiro*. Caetité, 1929.

O manuscrito, autógrafo, de texto não definitivo, apresenta um número significativo de emendas autorais. Mancha escrita lançada no recto e no verso do papel almaço amarelado, desidratado, pautado, em tinta azul. Letra regular, bem traçada. Encontra-se incompleto, desordenado, assinado e datado. Agentes químicos externos, cola e tinta, prejudicam a leitura de algumas partes. Números arábicos no ângulo superior direito indicam a numeração dos fôlios.

GUMES, João Antonio dos Santos. O sampauleiro. *A Penna*, Caetité, 1918- 1929.

Testemunho publicado em edições quinzenais no jornal *A Penna*. Alguns exemplares não podem ser manuseados devido ao estado físico do suporte: papel desidratado, decompondo-se ao simples toque das mãos. Os números que se acham em condições de manuseio apresentam dificuldade de leitura, ora pela impressão de má qualidade, ora pelas condições materiais do papel: rasgões nas bordas, furos provocados pela ação de insetos e produtos químicos, e pela ação do homem que recorta, rasga, risca. Os capítulos do romance estão distribuídos em 3 ou 4 colunas das páginas do jornal *A Penna*, com a indicação do título da obra: O SAMPAULEIRO, do capítulo em algarismos romanos: **XX**, seguida da expressão **Continuação**, quando for o caso. Após o texto, vem a indicação da autoria de **João Gumes**.

GUMES, João Antonio dos Santos. *O sampauleiro: romance de costumes sertanejos*. Caetité: A Penna, 1929. 2v.

Primeira publicação textual completa, editada pela Tipografia D'A *Penna* - Gumes & Filhos, Caetité, Bahia. Composta em dois volumes, formato 10 cm x 14 cm, com capa dura, vermelha. O primeiro e o segundo volumes trazem na folha de rosto: o nome do autor, JOÃO GUMES, em tipo de letra diferente e maior, o título e subtítulo, **O SAMPAULEIRO. Romance de costumes sertanejos**, a indicação da casa publicadora e local, TYP. D'A PENNA – Gumes & Filhos – CAETITÉ – BAHIA. **Volume 1:** contém um *A Modo de Prefácio* e três partes, a saber, *O Sampauleiro*, subdividido em capítulos I e II; SEGUNDA PARTE, *Sr. Seraphim*, sem subdivisão em capítulos; TERCEIRA PARTE, *Maria da Conceição*, subdividida em 29 capítulos, perfazem um total de 292 páginas. **Volume 2:** dividido em duas grandes partes, a saber, QUARTA PARTE, *Migração*, subdividido em 11 capítulos; QUINTA PARTE, *Abilio em acção*, subdividido em 23 capítulos; e uma conclusão intitulada PARA FINALIZAR, totaliza 384 páginas.

3.2.1.2 Texto crítico

65 O leitor talvez já desconfiasse quem eram esses burlões; mas,
em todo o caso, informamos que o coronel era o Norberto que
em Ribeirão Preto, a serviço de Abílio, lançara o boato da
queda de dona Maria no charco da prostituição, ferindo tão
profundamente o coração de Aristides; o profissional suposto
70 era aquele sujeito a quem ele se dirigia e que apresentamos
como “o cara de fuinha”, o camarada criminoso era o Tomás,
tomado por Abílio para o seu serviço, e o capitão Rufino já
sabemos quem é.

75 Abílio, sem que o soubesse, achava-se vigiado pelo Argos
policial, mas confiado na sua posição, não supunha que o
tomassem por reles e miserável mandrião. Pois se negociava
francamente julgando com regulares capitais; freqüentava a
80 melhor sociedade, se era amigo de autoridades e conservava-
se num aprumo que o elevava acima de quem pudesse
duvidar de seu caráter; se era impossível descobrirem as suas
falcatruas que apenas tinham como ponto de mira João Lopes,
um obscuro tabaréu e sua mulher, que se achava no sertão
85 baiano; como poderiam considerá-lo um sujeito de baixa
extração? Não avaliava que, como diz o vulgo, “*Deus
90 consente, mas não para sempre*”.

SP, SPF, SP1: ja

SP, SPF, SP1: Abílio; d. Maria

SP, SPF, SP1: supposto; aquele; elle

SP, SPF, SP1: Thomaz; Abilio

SP, SPF, SP1: Abilio

SP, SPF, SP1: suppunha; réles; miseravel;

si

SP, SPF, SP1: capitaes; si; frequentava; si

SP, SPF, SP1: n'um; podêsse; impossivel

SP, SPF, SP1: tabaréu; bahiano;

consideral-o; extracção

SP: “Deus consente, mas não para:

caracter; si; sempre”. SPF, SP1: “DEUS

CONSENTE, MAS NÃO PARA

SEMPRE”.

4 A EDIÇÃO DE TEXTOS NÃO LITERÁRIOS

4.1 A Edição de um Texto Medieval Português

Trata-se da edição de um trecho do tratado *Dos benefícios de Deus*, parte integrante do livro ascético-místico *Castelo Perigoso*, traduzido do francês para o português no século XV, no Mosteiro de Alcobaça em Portugal. Existem dois códices dessa obra na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob as cotas: ALC 199 e ALC 214.

4.1.1 Edição Crítica do Fólio 59r do Tratado *Dos Benefícios de Deus*

4.1.1.1 Descrição do Códice 199

O códice do ms. 199 é constituído por 160 fólios membranáceos, medindo aproximadamente 285mm X 200mm, repartidos em vinte cadernos, de oito fólios cada um, com a ligadura em cordão. Consta do primeiro caderno a “Tábua de Capítulos”, que é precedido por duas folhas de guarda em pergaminho, que contêm um texto em latim, em duas colunas, de teor religioso porém não identificado, seguidas de duas folhas de guarda em papel. A primeira folha de guarda em papel traz, a lápis, a paginação “02”, seguida, a lápis azul, pelas cotas “XIV” e “199”.

A mancha escrita mede aproximadamente 195mm X 130mm. A letra é a gótica semicursiva da primeira metade do séc. XV. Escrito nas tintas vermelha, azul e preta. Letras capitais em todos os fólios.

4.1.1.2 Descrição do Códice 214

O códice do manuscrito 214 compõe-se de 100 folhas em papel, medindo aproximadamente 292mm X 207mm. Precedem ao texto duas folhas de guarda em papel, a segunda destas apresenta a seguinte nota escrita a lápis: "A fol. 55 tem a marca d'água mão com estrela que aparece em obras do sec. XV". Há uma outra marca d'água n.º 11410: uma mão de cinco dedos com a flor de cinco pétalas na vertical do dedo médio. Santana Neto (1997, p. 91) traz a seguinte informação, retirada de Briquet (1923): " é da segunda metade do século XV, confirmando a datação".

A mancha escrita mede aproximadamente 280mm X 210mm. A letra do texto é a gótica semicursiva da segunda metade do séc. XV ou mesmo do início do séc. XVI. Provavelmente foi escrito a cinco mãos, em tinta preta.

4.1.1.3 Texto Crítico

[59r] cerco, ca é guarnido de pam e de vinho e nom pode ser filhado per força.”

Capítulo LXXIII Do quarto fruto.

O quarto fruto é que ele purifica a alma dos maos e sem proveito pensamentos e desonestos e das çujas afeições de que David diz no Salteiro: “*Calix meus inebriante*

5 *e caetera*’.” Em esto diz: “O meu nobre cález que embeveda”, quer dizer que faz a alma esquecer tôdolos vãos pensamentos, assi como o bêvedo esqueçe todos seus feitos.

Capítulo LXXIV Do quinto fruto.

O quinto fruto é que este sacramento restetue e cobra o que homem perde
10 per pecado, assi como a vianda corporal reforma no corpo o que havia perdido per
fame e jejum. Assi faz este sacramento a alma que per pecado era magra, que a enguorda per
devaçom, de que Sam Joam Boca d'Ouro diz: "Aquele sacramento nom se torna em carne mes em alma e
espira em ela e lhe dá vertude."

Capítulo LXXV Do sexto fruto.

15 O seisto fruto é que assi como a vianda da carne mais que outra faz forte o
homem, assi aquele

1. cerco] B: cerquo ; ca] B: qua ; e de vinho] B: e vinho ; per] C: por ; força] A: forca , C: fôrca ; 2. Capítulo] B: Capitollo ; 3. que ele] B: quelle ; purifica] B: porifica ; maos] B: mãos ; 4. inebriante] C: inebriabit ; 5. e caetera] B: caetera , C: eos ; diz] B: Ø ; 6. vãos] B: maos , C: maaos ; bêvedo] B: bebado ; 7. feitos] B: pensam□tos ; 8. Capítulo] B: Capitollo ; LXXIII] C: LXXIV ; 10. vianda] B : vyda ; corporal] B : corporell ; 11. a alma] C: aa alma ; per] C: por ; 12. devaçom] B: deuaçam , C: devoçom ; 13. mes] B, C: mas ; vertude] C: virtude ; 14. Capítulo] B: Capitollo ; 15. seisto] B: ssexto ;

4.2 A Edição de uma Carta de Alforria

Trata-se de uma edição semidiplomática de uma Carta de Alforria, documento pertencente à Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, sediada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, sob a cota M-CA-01.

4.2.1 Descrição

Carta de Alforria escrita em tinta preta, somente no recto, em um único fólio. Papel almaço verde, medindo 210mm X 300mm, com linhas de marca d'água verticais e a identificação do tipo de papel: "AL MASSO". Marcas de dobra tanto no sentido vertical quanto no horizontal, furos: no centro, à margem esquerda – superior e inferior. Margens superior e inferior rasgadas.

4.2.2 Texto Crítico

Artigo 21 de *Registro* 4835 de 1º de Dezembro de 1871

Jose da Anunciação e Souza rezidente n'este
municipio declara a Collectoria Geral que no dia
24 de Outubro de 1881 passou Carta de liberdade
5 a sua escrava Martina parda solteira com
21 annos *quando* matriculada em 29 de Abril de 1872
sob o n° 645 da matricula geral e 3 da relação;
declara mais que precinde dos direitos que tem *por*
Ley nos Ingenuos seguintes filhos da referida
10 escrava = Ignez parda matriculada sob o n° 26
da matricula geral [e] 26 da nota. Antonio cor
parda sob o n° 1213 e 1211 da nota. Maria
parda sob o n° 1878 [e] 1871 da nota e Ângela
fulla sob o n° digo e Angelo do sexo masculino fulla
15 sob o n° 2628 e 2617 da nota.

Provincia da Bahia
Municipio da *Cidade* da Feira
Parochia de São José 22 de

20 Abril de 1882
Arrogo da declarante
Viriato *Magalhães* de Figueiredo
Como testemunha e Manoel Hermenegildo da *Silva*
Antonio Moreira Duarte

25 A *folhas* 139 do 2º Livro ficção feitas as pre-
cizas declarações. Em 24 de Abril 1882

Pello Collector O Escrivão
30 ABarretto [assinatura]

CONCLUSÃO

A Filologia, enquanto ciência do texto, busca oferecer textos os mais fidedignos possíveis, ou seja, preservados em toda a sua essência de qualquer interferência, seja esta feita pelo autor ou por terceiros, para que possam ser estudados por pesquisadores de áreas diversas.

O filólogo, ao editar um texto, deve observar o contexto no qual foi produzido, pois um texto sempre remete a outro. Neste sentido, a Filologia conserva uma acepção ampla, sendo entendida como o estudo e a análise da cultura e civilização de um povo através dos documentos escritos deixados por aquele. De acordo com Carena (1989, p. 216), “[...] as possibilidades que a filologia avisada e reconhecida hoje nos pode oferecer alargam enormemente os campos de investigação de todas as disciplinas, mudando-lhes e até invertendo-lhes os objectivos e as posições.”

Espera-se que este trabalho contribua para a ampliação dos estudos filológicos, sendo estes abarcados pelas demais ciências que têm o texto como seu foco de atenção.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença/Edusp, 1987.

BERWANGER, Ana Regina ; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 1991.

BERTONI, Giulio. **Introdução à filologia**. Tradução Giuseppe Carlo Rossi. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARENA, C. Filologia. In: **Enciclopédia Einaudi**: volume 17 – Literatura/Texto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p. 200-217.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha, PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.511-520.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 2. reimp. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / Editora UNESP, 1999.

GEORGES, Jean. **La Escritura: memoria de la humanidad**. Traducción Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: Ediciones B. S. A., 1998.

LÁZARO CARRETER, Fernando. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1990.

MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

QUEIROZ, Rita. Manuscritos, livros e computador: o progresso cultural da humanidade. **Tribuna Feirense**, Feira de Santana, 21 nov. 2004. *Tribuna Cultural*, p. 3.

_____. Documentação manuscrita: legado cultural. **Tribuna Feirense**, Feira de Santana, 01 ago. 2004. *Tribuna Cultural*, p. 2.

_____. Edição diplomática de documentos históricos feirenses. **Estudios de lingüística española**, Madrid, 2001. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies13/queiroz.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2006.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. “**Dos benefícios de Deus**”, “**Livro da consciência e do conhecimento próprio**”, “**Da amizade e das qualidades do amigo**”: Edição e vocabulário onomasiológico de três tratados da obra ascético-mística “**Castelo Perigoso**” (Cód(s). **ALC 199 e ALC 214**. 2002. 475 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Sonetos de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica**. 1995. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

REIS, Maria da Conceição Souza. **O Sampauleiro: romance de João Gumes**. 2004. 520 f. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTANA NETO, João Antônio de. **Duas leituras do tratado ascético-místico “Castelo Perigoso”**. 1997. 299 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPAGGIARI, Bárbara ; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 1994.

TAVANI, Giuseppe. Metodologia y practica de la edición critica de textos literarios contemporâneos. In: **Litterature latino-américaine et des Caribes du XX^o siècle**: Theorie et pratique de l'edition critique. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84.

TELLES, Célia Marques. Que textos são oferecidos aos estudantes? **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste**, João Pessoa, v. 5, n. 1 e 2, p. 21-28, 2003.